

[dossier]



Artes têxteis: materialidades e subjetividades tecendo corpos e histórias

Textile arts: materialities and subjectivities interlacing bodies and stories

Marilda Lopes Pinheiro Queluz¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1281-2260>

Ronaldo de Oliveira Corrêa²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1894-1944>

DOI: <https://doi.org/10.26563/dobras.v18i45.2035>

A proposta deste dossiê foi construir, coletivamente, uma trama complexa que pudesse problematizar as artes têxteis, suas práticas, autoras(es) e redes de agentes, circuitos de circulação e artefatos, sentidos e significados.

Os têxteis nos interpelam com suas memórias, histórias e versões produzidas por fora de um circuito institucionalizado da cultura, ou seja, descentradas, sobre as formas que a arte, o design, a arquitetura e a moda materializam artefatos, espaços, narrativas e imagens como repositórios de subjetividades, experiências vividas, sonhadas com e a partir dos corpos (Reiman, 2020).

Essas versões formulam argumentos, inscrevem estilos, configuram associações entre materiais e vivências que reivindicam a participação na arena artística, ampliando debates centrais para o tempo contemporâneo, a saber, as relações entre arte e política, arte e ativismo, arte e corpo, arte e cidade, arte e vida.

Nessa perspectiva, é importante pensar nos processos históricos, nos diálogos que as artes têxteis de hoje estabelecem ao reatar nós com a produção realizada no passado. Algumas das questões forjadas outrora, atualizam-se, reinventam-se, permanecem em um desejo de insistência, de lembrança ou de não esquecimento.

É possível uma arca de enxoval do Museu do Ouro de Sabará (MG) nos deslocar entre técnicas construtivas, preceitos coloniais para o matrimônio e as condições impostas às mulheres daquele período? Angela Brandão nos mostra que sim, fontes primárias, questionadas a partir das angústias do presente, podem nos ajudar a pensar as relações de poder;

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora titular da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e professora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da mesma universidade. E-mail: pqueluz@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2110123354319236>.

² Doutor pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: rcorrea@ufpr.br. <http://lattes.cnpq.br/3869130149433615>.

a cultura material e as práticas cotidianas setecentistas. A pintura de uma noiva na parte interna da tampa nos devolve o olhar (Didi-Huberman, 2010), jogando-nos no universo das prescrições para o casamento, dos artefatos para armazenar tecidos e roupas, nos modos de bordar, costurar, tecer, vestir, de organizar o dia a dia das casas.

Fabília dos Santos Figueiró e Sérgio Antônio Silva nos convidam a retomar os padrões gráficos desenhados por William Morris para, com isso, refletir sobre os processos de apagamento que a produção industrial moderna impôs aos artefatos manuais na sociedade de consumo. Ao mirar a produção têxtil de Morris, a autora e o autor argumentam que esses trabalhos reverberam fissuras na estética modernista, evocando dimensões esquecidas como o toque, a cor e o desenho, reiterando a crítica à alienação do trabalho e das pessoas que o fazem. O espaço doméstico, visto como lugar de ativação da sensibilidade e de rememorar nossa humanidade, seria uma das inspirações para projetar com autonomia e crítica social.

Francine Ferreira de Nardi Golia e Joedy Luciana Barros Marins Bamonte tomam fragmentos dos percursos que Anni Albers fez entre a Europa e a América, a arte e o artesanato, como base para refletir sobre os processos criativos em diálogo com a produção visual do início do século XX. Anni Albers é apresentada como pesquisadora, artista, mulher, ocupando escolas de vanguarda como a Bauhaus na Alemanha ou o Black Mountain College nos Estados Unidos da América, pesquisando práticas têxteis indígenas na Bolívia, no México e no Peru. Para as autoras deste artigo, Albers protagoniza a constituição dos têxteis como um espaço de produção expressiva, no qual a materialidade dos fios, máquinas e corpos produzem narrativas sobre as culturas.

Por outra perspectiva, entendemos que no atual contexto de tantas guerras, massacres, genocídios e chacinas, seja ainda mais urgente lutar contra as desigualdades de gênero, classe, raça, geração. Um dos rumos possíveis, aqui apontado, é contestar as hierarquias estéticas e sociais (Simioni, 2020) que delineiam o universo da produção expressiva que envolve tecidos, técnicas e tecnologias, conhecimentos, pessoas, instituições e histórias.

Ao mover-se ao encontro da desconstrução das dicotomias de gênero, sem declarar a superação da diferença das experiências de homens e mulheres nos eventos traumáticos da sociedade patriarcal, capitalista, liberal, violenta, Maria Celina Gil nos enreda em uma trama verbal e visual. Para ela, o bordado e a guerra são partícipes de processos amplos de constituição da experiência expressiva contemporânea, de nossas subjetividades. Artistas e obras presentes nas diferentes histórias da arte têxtil são mostradas como sintomas (Didi-Huberman, 2018) das formas como atuamos e pensamos no século XX. Refletir sobre a ação e a reação à violência, a partir do gesto de atravessar o suporte do tecido com uma ferramenta perfurocortante, poderia produzir levantes e poesia.

O convite para um olhar plural, crítico e multifacetado às artes têxteis, em alguma medida, significa focar nossa atenção para sujeitos sociais historicamente deixados à margem, ou denominados anônimos, nas narrativas sobre a arte, design, arquitetura e moda, mais especificamente, e da história social das sociedades ocidentais, de forma geral. Com isso, tentamos questionar as ausências de reflexão sobre as memórias individuais e coletivas, os saberes, as técnicas e tecnologias, as estéticas e éticas, que essas pessoas e suas práticas produzem ou inscrevem no cotidiano a partir dos atos de bordar, tramar, tecer, amarrar, suturar, rasgar, vestir e mesmo, despir.

É por entre algumas dessas lacunas que se alinhava a série fotográfica “Quantos poemas são necessários para queimar um país?”, de nosso artista/designer convidado, Marco Takashi Matsuda. Suas reflexões sobre masculinidades, corpo, memória e materialidades nos interpelam sobre a presença asiático-brasileira, a “experiência nipo-brasileira” na atualidade. A pele que veste corpos racializados mostra-se como suporte e mediação, fronteira e centro do desejo, dos afetos, dos silêncios e das opressões. A dor e o prazer insinuam-se no contato, entre tecidos e texturas, gestos e expressões corporais, recriando a performance da experimentação do mundo, da conscientização de si, da vida acontecendo.

Os encontros sinestésicos entre arte e vida são, também, reinterpretados no texto de Carolina de Paula Diniz, “Esbravejação: cartografia de um vestível em fluxo em suas movências vitais”. A experiência de atuar e interagir com o mundo racista ao redor é metaforizado na performance do corpo em contato com um vestível feito de cabeças de bonecas plásticas, brancas e pretas, interligadas por fios de malha vermelha. Ao cartografar as transformações vividas a cada apresentação, nos diferentes modos de habitar a obra, a autora nos convoca a sentir o cotidiano pela respiração, pelos cinco sentidos, mergulhando na cultura que nos constitui e nos move em direção à alteridade.

Ao modo de Barthes (2002) e sua mitologia, aqui percebemos as artes têxteis como narrativas visuais e táteis, ou seja, expressivas, que nos contam sobre como organizamos os sentidos do mundo e da vida social. Dito de outra maneira, como uma das formas de dar legibilidade sensível para os eventos, sociabilidades e ações que constituem pessoas, grupos e, em alguma dimensão, imaginações, imaginários e culturas. A narrativa mítica, por meio de sua interpretação plástica, literária, visual e cinematográfica, informa as versões possíveis que nos permitem fugir de uma história única da e sobre as experiências sensíveis e humanas.

Nesse movimento, concordamos com Chimamanda Ngozi Adichie (2009) sobre a necessidade de produzirmos, conhecermos e fazermos circular múltiplas versões dos acontecimentos que marcam as experiências humanas, como uma tática para resistir a processos de homogeneização e estereotipação, comuns às culturas de consumo. Abrimos espaço, desse modo, ao dissenso necessário para a manutenção das disputas que produzem as estéticas e as éticas, marcadas nos corpos, nos gestos, nas materialidades e subjetividades que nos constituem.

Em “Texturalidade: textura e textualidade do tecido e do texto”, Natália Rezende Oliveira, Anirã Marina de Aguiar e Marina Baltazar Mattos abordam as construções de narrativas na urdidura histórica e etimológica entre as palavras texto e têxtil, tramando conjunturas e práticas de tecer e escrever como tecnologias do encontro. Questões de gênero, de classe e de raça se imbricam nas entrelinhas, nas páginas, nas costuras, nos bordados. Saberes, técnicas, memórias e gestos constituem linguagens a serem aprendidas, compartilhadas, reinventadas em tempos espiralares, inacabados, de modo coletivo e individual. A texturalidade se inscreve no corpo tecido que atua no e com o contexto vivido.

Por fim, a partir de um emaranhado de possibilidades, pouca legibilidade e muitos fragmentos, organizamos os textos enquanto um arquipélago flutuante, traçando, de modo multissensorial, a cartografia de circuitos e circulações de coisas, pessoas, significados, conhecimentos. Esse dossiê apresenta-se como um esforço de aproximação com reflexões que as práticas têxteis vestem, incorporam, misturam, convertem, invertem, subvertem.

Referências

ADICHIE, Chimamandra Ngozi. **O perigo da história única**. TEDGlobal 2009, July 2009.

Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt. Acesso em 15 de mar de 2025.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 7a. Ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.

DIDI-HUBERMAN, Georges. O peso dos Tempos. IN: **Levantes**. São Paulo: SESC, 2018. [Catálogo de Exposição]. Disponível em: https://issuu.com/sescpinheiros/docs/levantes_completo_issu. Acesso em 04 de nov de 2025.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

REIMAN, Karen Cordero. Intervenções suaves: cumplicidades entre arte e mídia têxtil. IN: **Transgressões do Bordado na Arte**. São Paulo: SESC, 2020. [Catálogo de Exposição].

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Transgressões do Bordado na Arte. IN: **Transgressões do Bordado na Arte**. São Paulo: SESC, 2020. [Catálogo de Exposição].